

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS - PORTUGUÊS  
CAMPUS ARAPIRACA**

**RAFAEL DE AMORIM**

**REPRESENTAÇÃO LINGUÍSTICA DE PERSONAGENS EM TELENOVELAS:  
CARICATURA OU IDENTIFICAÇÃO?**

**Maceió  
2020**

**RAFAEL DE AMORIM**

**REPRESENTAÇÃO LINGUÍSTICA DE PERSONAGENS EM TELENOVELAS:  
CARICATURA OU IDENTIFICAÇÃO?**

Artigo científico apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras – Português do Campus Arapiraca da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Orientadora: Prof<sup>a</sup> MSc Eliane Vitorino de Moura Oliveira

Maceió  
2020

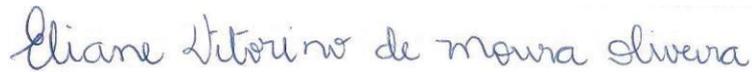
Rafael de Amorim

**Representação linguística de personagens em telenovelas: caricatura ou identificação?**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, *Campus Arapiraca*, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa.

Data da aprovação: **15/12/2020**

**Banca Examinadora**



Profa. Dra. Eliane Vitorino de Moura Oliveira  
Universidade Federal de Alagoas – UFAL  
*Campus Arapiraca*  
(Orientadora)



Profa. Dra. Joyce Elaine de Almeida Baronas  
Universidade Estadual de Londrina – UEL  
(Examinadora)



Prof. Dr. Almir Almeida de Oliveira  
Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL  
*Campus Palmeira dos Índios*  
(Examinador)

# Representação linguística de personagens em telenovelas: caricatura ou identificação?

Rafael de Amorim

**Resumo:** A pesquisa em foco analisa a fala de personagens televisivos, com vistas a observar como são representados os falantes cujas variedades fogem ao designado “padrão” e de que maneira essa representação atua: se corrobora a perpetuação do preconceito linguístico ou apresenta identidades linguísticas próximas do real. Os personagens analisados, cuja expressão se instaura em pontos distintos do contínuo de urbanização proposto por Bortoni-Ricardo (2009,2011), integram a novela “O Sétimo Guardião” e a macrossérie “Verdades Secretas”, ambas apresentadas em horário nobre na televisão brasileira. O gênero telenovela foi nossa opção por ser um instrumento de alcance nacional, com o qual há, por parte de uma grande maioria de brasileiros, uma relação passional, sentimento que se mostra expressivo para avaliações de toda ordem. Interessa-nos, neste trabalho, a forma como a representação pode ou não levar ao estigma de falantes, uma vez que, por hipótese, acreditamos que a caracterização linguística destes personagens, da maneira como acontece, deslegitima-os, criando caricaturas. A pesquisa, de cunho qualitativo-interpretativo, tem como base a teoria Sociolinguística, especialmente em teóricos como Labov (1974; 2006; 2008 [1972]; Pagotto (2004), Bortoni-Ricardo (2009; 2011) e Bagno (2015). Os resultados mostram que, na novela O Sétimo Guardião, há caricaturização em uma personagem, o que pode perpetuar o preconceito em relação à variedade rural, e, na macrossérie Verdades Secretas, os personagens mantêm uma variedade mais fiel ao real, mas cenas e falas realizadas na trama podem servir como incentivo à discriminação pelo fator linguístico, corroborando a visão de Bagno (2015) de que o preconceito, muito além de linguístico, é social.

**Palavras-chave:** Preconceito Linguístico; Variação Linguística; Estereotipo; Telenovelas.

**Abstract:** The research analyzes the speech of television characters, in order to observe how the different varieties are represented, specially the “non-standard” variety, and how acts this representation: if corroborates the perpetuation of linguistic prejudice or shows linguistic identities close to the real. The characters take place at different points in the urbanization continuum proposed by Bortoni-Ricardo (2009), and integrating the soap opera “O Sétimo Guardião” and the macroserie “Verdades Secretas”, both felt in prime time on Brazilian television. The soap opera was our choice because it is an instrument of national reach, which a large majority of Brazilians has is a passionate relationship, a feeling that is expressive for evaluations of all kinds. In this paper, we are interested in how representation may or may not lead to the stigma of speakers, since, by hypothesis, we believe that the linguistic characterization of these characters, as it happens, delegitimizes them, creating caricatures. The search, of a qualitative-interpretative nature, is based on Sociolinguistic theory, especially in theorists such as Labov (1974; 2006; 2008 [1972]; Pagotto (2004), Bortoni-Ricardo (2009;2011) and Bagno (2015).The results show that, in the novel O Sétimo Guardião, there is a caricaturization in a character, which can perpetuate the prejudice against the rural variety, and in the macroserie Verdades Secretas, the characters maintain a variety more faithful to reality, but scenes and speeches can serve as an incentive to discrimination due to the linguistic factor, corroborating Bagno's (2015) view that prejudice, far beyond linguistic, is social.

**Keywords:** Linguistic prejudice; Linguistic variation; Stereotype; Soap operas.

## INTRODUÇÃO

Pela língua, distinguimo-nos dos animais, já que só a nossa espécie tem a capacidade da fala, realização individual da língua, que nada mais é senão um contrato comunitário, sendo, por isso, tão minha quanto daquele com o qual eu interajo.

Ainda que seguindo esse acordo coletivo, pela fala, cada indivíduo expressa-se de maneira pessoal, criando marcas que identificam, ditam a origem, idade, sexo, classe social, descortinam as práticas de letramento dos eventos pelos quais circulam, originam as variedades linguísticas. Construída socialmente, a língua que falamos nos identifica, classifica-nos, aloca-nos em grupos ou comunidades de fala.

Neste trabalho, refletimos sobre como isso acontece na prática, analisando como se dá a personificação linguística de personagens em duas narrativas televisivas e observando se as falas colocadas na boca desses personagens podem não só identificá-los, mas também caricaturizá-los.

Objetivamos identificar, no corpus composto pela transcrição de diálogos e monólogos dos personagens, variantes linguísticas típicas de falares rurais ou rurbanos (BORTONI-RICARDO, 2009), além de outras marcas passíveis de avaliação. Conhecendo as variantes, analisamos se podem ser consideradas identitárias ou se são carregadas de traços caricaturais, oportunizando avaliações negativas, por meio da observação da reação que o uso de tais variantes provoca em outros personagens para, com isso, refletir sobre a possibilidade ou não de perpetuação do preconceito linguístico.

Nosso intento é, portanto, interpretar as falas e a avaliação que recai sobre elas, buscando (re)conhecer se a representação pode encaminhar os telespectadores a uma avaliação negativa desses personagens devido à sua forma de se expressar pela fala, ou se a representação legitima os falares como marcas de identidade.

Reconhecemos o gênero telenovela como um instrumento de alcance nacional e com o qual a grande maioria dos brasileiros mantém uma relação passional. As novelas, amadas ou odiadas, são pauta de conversas nas mais variadas formas de interação e em contextos também vários. Dessa forma, (re)conhecer a maneira como os falantes são concebidos e materializados em forma de personagens, é de extrema relevância para uma dimensão da perpetuação do preconceito linguístico.

Nesta pesquisa, trabalhamos amparados, sobretudo, pelas teorias da Sociolinguística, tanto em autores basilares como Labov e seus estudos relevantes para toda a comunidade científica e para a sociedade como um todo, quanto em autores que

analisam a fala brasileira, como Pagotto (2004), Bortoni-Ricardo (2009; 2011) e Bagno (2015), entre outros.

O trabalho se divide em partes: logo depois desta breve introdução, trazemos as teorias que nos embasam; na sequência, a metodologia pela qual caminhamos; a terceira parte traz os resultados encontrados, as análises, reflexões e comentários, com base na literatura apresentada, sobre os dados; fechamos o trabalho, sem, no entanto, encerrar as discussões, no tópico que preferimos chamar de “algumas considerações”, por entender que há muito a ser ainda discutido sobre a temática.

## **1 O QUE NOS EMBASA**

Compreender a variação linguística e tudo o que a rodeia, como a identidade do falante, a sua cultura, a comunidade em que se insere, seu cotidiano etc., já se mostra, por si só, de grande relevância, pois o processo todo se insere em uma compreensão mais ampla, que vê a língua como algo que se constrói e se materializa na interação.

Nosso trabalho investiga uma realidade particular do uso linguístico: a materialização da fala por personagens televisivos. É sabido que, no Brasil, há uma relação passional dos brasileiros com esse gênero e a paixão é um processo relevante quando se trata da fala e, especialmente, da noção de erro. Como exemplo, podemos voltar ao ano 2011 e relembrar o impacto do livro “Por uma vida melhor”, no qual o tratamento dado à variação linguística gerou discussões inúmeras.

Silva (2000) apresenta, em um trabalho intitulado “Dois casos de preconceito linguístico na mídia”, resultados relevantes para o que discutimos aqui. Analisando a expressão linguística dos personagens da novela “A Escrava Isaura”, percebe que a representação dos falantes da casa grande e dos falantes escravizados é marcada pelo que ele chama de “língua imaginária” (SILVA, 2000, p. 61).

Imaginária pois reproduz o mito de uma língua perfeita expressada pelos falantes brancos, em que não há a interferência do contato com outros falares e, assim, uma língua ideal, ao mesmo tempo em que promove uma caricaturização dos falantes escravizados ao usar variantes em que o exagero se materializa. Essa representação, segundo o autor, promove não só o preconceito linguístico, como também leva a um prejuízo identitário e cultural.

Compactuamos com as observações de Silva (2000) pelo fato de os falantes sofrerem avaliação constantemente, em todos os seus momentos de fala. Labov (2008, p. 21) nos dá suporte para essa afirmação ao destacar que essa avaliação ocorre “não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo”. Assim sendo, a representação dada a personagens pode ser potenciadora de avaliações negativas ou de superavaliação de falares, agindo como um perpetuador de mitos e do preconceito linguístico.

Em se tratando de avaliação, Labov (2008) apresenta três categorias pelas quais uma expressão linguística pode ser tomada, de acordo com o nível de consciência que há sobre as variantes utilizadas na fala: indicadores, marcadores e estereótipos. O autor entende como indicadores os traços linguísticos que refletem a variação social sem provocar julgamento quanto aos status social dos falantes; os marcadores são formas, muitas vezes inconscientes, utilizadas pelos falantes, que marcam variações estilísticas e sociais. Já estereótipos são traços marcados socialmente de forma consciente. Esses traços podem corresponder ao comportamento linguístico real ou não e são muito utilizados para criar caricaturas de falantes, – assim, nosso olhar se volta para essa categoria de avaliação.

Labov (2008) lembra, ainda, que a difusão desses traços não é uniforme. Havendo reação social negativa a determinadas marcas de estereótipo, estigmatizando-as, a sua eliminação pode ser rápida, ao passo que, em comunidades cujos traços sejam vistos de maneira positiva, poderá haver aceitação, o que gera a mudança linguística. Exemplos dessa discussão são apresentados pelo autor em suas pesquisas em Nova York, quanto à pronúncia do /r/, e em Martha’s Vineyard, quanto à centralização de ditongos.

No Brasil, são inúmeros os estudos sob essa perspectiva. A título de exemplo, Leite (2004) e Corrêa (2015) empreenderam pesquisas neste prisma. Leite apresenta resultados de pesquisas com falantes do interior de São Paulo e em propagandas televisivas, em que se conclui que o /R/ retroflexo é um estereótipo estigmatizado, para o qual se atribuem rótulos como “feio”, “marcado”, “puxado” e “pronúncia carregada”. Corrêa (2018), ao analisar uma comunidade de práticas no interior do Sergipe, observa também estigma no estereótipo em que há realização africada das oclusivas alveolares /t/ e /d/ antecedidas por glide palatal, como em /muito/ e /doido/.

Esses exemplos são importantes para nossa pesquisa, uma vez que são variantes produtivas na expressão dos falantes representados pelos personagens aqui analisados, configurando como marcas de identidade não só individuais, como de comunidades de fala.

Importa ressaltar que a noção de estereótipo de Labov (2008) não é a mesma do senso comum. Para o autor, estereótipo é tudo o que é recorrente, que tanto pode levar a estigma, quanto não. Um exemplo disso é a vocalização das laterais, comum à quase todos os falantes brasileiros e, por isso, com aceitação social no país, mas visto como um traço inadequado por falantes de variedades do português europeu, por exemplo.

A noção de estereótipo tem uma relação estreita com questões identitárias, uma vez que traços linguísticos podem ser avaliados negativa ou positivamente, o que implica em ajuizamentos das identidades dos indivíduos, gerando preconceito e podendo levar à discriminação.

De acordo com Pagotto (2004), há dois movimentos relacionados à identidade. O primeiro refere-se à identidade histórica ideológica, por meio da qual o sujeito se coloca como integrante de determinada época, modo de ver o mundo e suas relações. O segundo movimento é aquele em que o “sujeito da ideologia se encontra passando de posição a posição, de uma formação a outra” (PAGOTTO, 2004, p.89), ou seja, variando de acordo com o papel assumido na sociedade, pois, como assevera Bortoni-Ricardo (2005, p. 176) “quando falamos, movemo-nos num espaço sociolinguístico multidimensional e usamos os recursos da variação linguística para expressar essa ampla e complexa gama de identidades distintas”.

Le Page (1980) vê cada ato de fala como um ato de identidade, considerando a linguagem como o índice identitário por excelência, visto que as regras linguísticas utilizadas pelo falante, na busca de aproximação com os membros do grupo com o qual deseja se identificar, são criadas no momento da enunciação, por meio de escolhas linguísticas inconscientes que se associam às múltiplas dimensões formadoras da identidade social e aos papéis que assumem dentro da gama de redes sociais de interação em que se inserem.

Nesse sentido, voltamos à ideia de avaliação já mencionadas. Se os atos de fala são identitários, a valoração é subjetiva. Não há, linguisticamente, nenhuma regra ou norma que possa apoiar o juízo de uma variante como “feia”, por exemplo. Em termos de língua, nada corrobora o preconceito existente sobre algumas formas de falar em detrimento de outras. Como vemos em nosso corpus, a personagem Arlete/Angel sofre chacota por sua forma de falar, sendo ridicularizada por outros personagens, em especial pelo uso do /r/ retroflexo, uma marca do falar rural.

Estudos sociolinguísticos diversos vêm mostrando que não há variedade melhor que outra, uma vez que toda forma de falar atende perfeitamente à comunidade que a

utiliza. Essas questões levam a um outro ponto importante nessa análise: o preconceito linguístico, que se trata, de acordo com Bagno (2015), de toda reprovação, aversão ou mesmo de desrespeito e ataque às variedades linguísticas de menor prestígio social. Essa avaliação, comumente, volta-se às variantes ligadas aos falantes pertencentes a classes sociais menos favorecidas, cujo acesso à educação formal é minorado.

O preconceito linguístico deriva da ideia de uma língua padrão, geralmente utilizada pela elite econômica e cultural, e considerada como a única legítima. Nessa concepção, todos que não se expressam de acordo com esse padrão são excluídos, marginalizados ou mesmo execrados. Mas o grande problema, como relata Bagno (2015) é que essa forma de preconceito é invisível. Não se erguem bandeiras contra o preconceito linguístico – nem mesmo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento que norteia o ensino no país, que traz em seu teor elencadas algumas formas de preconceito, cita a discriminação pelos usos linguísticos.

É preciso que as agências hegemônicas, como a escola, a igreja, os órgãos oficiais atuem no sentido de dar valor a todas as variedades linguísticas praticadas, que legitimem todas as vozes e, uma maneira crucial para isso é, também, mostrar respeito por essas vozes nos meios de comunicação, na imprensa, enfim, na mídia de uma maneira geral.

Neste artigo, apresentamos um olhar, especialmente, para um instrumento midiático de grande alcance: as novelas televisivas, mas, antes, apresentamos o percurso que seguimos até chegar às análises.

## **2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

A pesquisa se desenvolveu nos pressupostos da Sociolinguística em seu âmbito macro, pois analisa os dados com um foco qualitativo, com foco na explicação dos dados por meio do método proposto por Bortoni-Ricardo (2009), em que se aloca os falantes analisados em pontos de linhas imaginárias de acordo com sua expressão linguística. Neste artigo, concentramo-nos em posicionar os falantes no “contínuo de urbanização”, a partir de variantes apresentadas em suas falas, por entender que tal passo estabelece um panorama mais completo da expressão destes personagens.

Bortoni-Ricardo (2009) assevera que, ao longo desse contínuo dialetal, podem ser alocados todos os falantes, mediante sua aproximação ou seu afastamento dos polos, estando em um extremo os falares rurais isolados e, em outro, o falar urbano comum às

classes privilegiadas, encontrando-se no meio dessa linha os falares *rurbanos*, variedades “usadas por falantes de classes mais baixas, não alfabetizadas ou semialfabetizadas, que vivem na cidade, mas que, na maioria dos casos, têm antecedentes rurais, e pela população que vive em áreas rurais, onde já se vê introdução de tecnologia” (BORTONI-RICARDO, 2011, p. 21). A Figura 1 traz a representação desse contínuo:

**Figura 1 – Contínuo e Urbanização**



**Fonte:** Bortoni-Ricardo (2009)

Bortoni-Ricardo (2009) ainda alerta para as fronteiras fluidas que separam os falantes nos pontos deste contínuo, pois a alocação vai depender do uso frequente de dois tipos de regras variáveis: as formas graduais, ou variantes presentes na fala de praticamente todos os brasileiros, dependendo do grau de monitoramento, e as descontínuas, que são aquelas marcas que apontam os falares regionais e sociais mais estigmatizados, passíveis de preconceito e discriminação.

Em nossa análise, levamos em consideração, em especial, a utilização de variantes consideradas traços descontínuos, como a iotização, o rotacismo e a ausência de concordância canônica entre sujeito e verbo.

O corpus desta pesquisa foi extraído de falas de sete personagens, sendo três da novela *O Sétimo Guardião* – Marilda, Eurico e Valentina –; e três da macrossérie *Verdades Secretas* – Arlete/Angel, Carolina e Fanny – a partir da assistência de capítulos e da análise das falas, tanto as que trazem marcas dos falares rurais, quanto avaliações sobre esses falares por parte dos personagens analisados ou mesmo de outros na trama.

Os três personagens da novela têm a mesma origem, realidade econômica similar e apresentam diferenças culturais. Marilda e Eurico foram escolhidos por sua provável variedade rural; Valentina, por ter saído da zona rural e ter vivido na cidade. As personagens da macrossérie Arlete/Angel, Carolina, foram selecionados devido à propensão variedade rural; Fanny, por ser representante da variedade urbana. A diferença entre os personagens é cultural e econômica.

Na sequência, apresentamos os resultados de nossas análises.

### 3 ANÁLISE DOS DADOS

Pela fala, é possível identificar importantes características identitárias de indivíduos: origem, idade, grau de acesso ao(s) letramento(s), em especial o escolar, entre outros. Por isso, essa importante fonte identitária é o principal instrumento de caracterização de personagens em qualquer produto cultural ou midiático. O que acontece na novela “O Sétimo Guardião” (doravante apenas novela) e na macrossérie “Verdades Secretas” (de ora em diante, apenas macrossérie), nossas fontes de pesquisa.

O público, o horário, o gênero e o formato podem influenciar na caracterização das variedades linguísticas em programas televisivos, como as novelas e as séries. Mas a visão de mundo, a ideologia e as crenças de autores, diretores e atores/atrizes também podem pesar nas escolhas.

A primeira conclusão a que chegamos, a partir de nossa observação, foi quanto ao horário de apresentação: a novela, apresentada em horário nobre, de maior audiência, apresentou falas caricaturizadas; a série, exibida mais tarde, para um público mais selecionado, foi fidedigna.

Ao apresentar, em momentos cujo público é mais numeroso, uma representação caricaturizada da fala de uma personagem – no caso Marilda, da novela – a possibilidade de inculcar nos assistentes uma ideia controversa da identidade linguística de determinada comunidade linguística é grande, tornando-se algo passível de estigmatização, gerando o preconceito linguístico. Reconhecido por Bagno (2015) como um mal invisível, por não ter claramente posicionamentos contrários, nem militância expressa, mas se trata de uma forma de discriminação tão cruel como qualquer outra.

Em relação às personificações da fala dos personagens, a diferença entre a novela e a série é relevante. Na novela, há caracterização linguística inapropriada por dois motivos: primeiramente, por haver falantes com variedade muito próximas do falar urbano, com grande influência da cultura letrada, em uma novela que se passa no interior do estado de São Paulo, ainda que fictícia. Ou seja, encenada em uma cidade interiorana, somente uma personagem se expressa trazendo marcas características do falar rural/rurbano (Bortoni-Ricardo, 2011) e, ainda, – nossa segunda comprovação - a única falante de uma variedade mais próxima do rural não é representativa, beirando à caricatura.

Selecionamos três personagens na novela para nossa uma discussão mais apurada, pelo fato de comporem um núcleo familiar: i) Marilda; ii) Eurico, marido de Marilda e cunhado de Valentina; iii) Valentina, irmã de Marilda e cunhada de Eurico.

Observando os diálogos e monólogos dos três personagens, é possível posicioná-los em diferentes pontos do contínuo de urbanização: Marilda em um ponto rurbano, direcionado para o polo rural, e Eurico e Valentina em pontos mais próximos do extremo urbano.

O interessante é que nenhum dos personagens analisados carrega marcas descontínuas em sua fala, mas Marilda apresenta traços fonéticos extravagantes, que não são encontradiços em nenhuma variedade praticada no Brasil – há um alongamento nas vogais finais incharacterístico na fala de brasileiros, que comprova a caricaturização, além de um excesso na pronúncia do /R/, que se apresenta retroflexo exagerado, típico das imitações risíveis.

Essa realização retroflexa do /R/ em coda silábica, som popularmente chamado de “R caipira” (Amaral, 1982) e foneticamente representado pelo símbolo [ɹ] é encontrada no interior de São Paulo, em cidades de Minas Gerais, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraná, oeste de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, conforme sinalizam os dados do Projeto ALIB<sup>1</sup>. Dessa maneira, a maioria dos personagens – ao menos os nascidos na cidade, sem ter nunca saído dela – teriam de trazer esses traços em sua expressão linguística. Não é o que acontece, por isso, a identidade linguística dos falantes é negada. Nenhum falante interiorano tem sua “cara sociolinguística”, nas palavras de Faraco (2015), reconhecido por aquilo que é expressado pelos falantes televisivos.

Outro fato relevante é a normalidade presumida nas cenas em relação à expressão linguística da personagem Marilda. Não há julgamentos, por parte dos filhos e do marido, quanto à diferente forma de se expressar praticada pela esposa/mãe. É muito natural para todos haver essa discrepância entre as falas.

Vimos em Pagotto (2004) que os papéis representados estão entre os fatores preponderantes para a escolha de variantes a serem utilizadas na expressão linguística, daí a ideia de “identidades”, no plural. Além disso, como assevera Bortoni-Ricardo (2009), é comum a todos falantes apresentarem traços graduais em momentos de interação descontraída, assim como, comumente, há busca por variantes mais bem aceitas socialmente em falas monitoradas. Isso não acontece nas falas apresentadas por Marilda

---

<sup>1</sup> Maior detalhamento pode ser obtivo em <https://alib.ufba.br/>

e o prefeito – as falas são lineares, sempre com a mesma escolha lexical, sonora e sintática.

A personagem Valentina, no entanto, falante de uma variedade que mostra os eventos de letramento escolar e culto a que teve acesso, possivelmente fruto de sua mudança para a capital ainda na juventude, é a única, num universo de mais de vinte personagens, que parece se “incomodar” com a variedade praticada pela irmã Marilda. Em uma das cenas, comenta: “Marilda, minha irmã querida, você é a primeira-dama dessa cidade, comporte-se, que fala mais caipira é essa?”. Essa também é a única passagem em que aparece qualquer tipo de atitude em relação ao falar “diferenciado” da personagem Marilda, em mais de uma centena e meia de capítulos.

Essa caracterização não passou despercebida pelos telespectadores da novela. Muitas discussões foram empreendidas nas redes sociais e em mídias destinadas a essas temáticas, como é retratado, por exemplo, no excerto: “Na atual trama, a mulher do prefeito é a única a ter sotaque em Serro Azul. Ela fala como uma caipira paulista, com toques de mineira e até algumas notas de gaúcha. Um verdadeiro sambalelê!”<sup>2</sup>.

Outra discussão apresenta o mesmo estranhamento ao relatar que só a personagem Marilda “fala daquele jeito” e completa mencionando o estranhamento do público em relação a essa forma de falar, que seria, segundo a matéria “uma mistura de sotaque carioca com caipira e mais alguma coisa que ninguém mais entende, só Letícia e a equipe do folhetim da Globo.”<sup>3</sup> E, para fechar, outra observação vai ao encontro de nossa impressão ao relatar que “o sotaque caipira de Marilda (Letícia Spiller) resvalou para a caricatura”.<sup>4</sup>

Destarte, entendemos que a novela, com a personificação empreendida em “O Sétimo Guardião”, pode colaborar para a estigmatização dos falantes rurais ou rurbanos, ao caricaturizar uma falante do interior, pois embora tenha havido uma discussão problematizando a questão, isso não passou para ambientes mais amplos, o que permite o entendimento de que todos os falantes rurais têm essa caracterização. Levando em conta, ainda, o alcance internacional que as novelas têm, esse entendimento pode ser ainda mais prejudicial.

---

<sup>2</sup> <https://extra.globo.com/tv-e-lazer/telinha/de-frente-para-tv-leticia-spiller-o-grande-destaque-de-setimo-guardiao-23252434.html>

<sup>3</sup> <https://www.otvfoco.com.br/sotaque-de-leticia-spiller-na-novela-o-setimo-guardiao-ainda-causa-estranhamento/>

<sup>4</sup> <https://f5.folha.uol.com.br/colunistas/tonygoes/2018/11/estreia-de-o-setimo-guardiao-mistura-clipes-com-algum-misterio.shtml>

Partindo para as análises na macrossérie “Verdades Secretas”, o que logo se desponta é a questão rural/urbano, mote que também permeia a trama exibida em 2015. A origem interiorana da personagem Arlete (Angel) não passa despercebida e, ao contrário do que se vê na novela, a alusão ao fato é recorrente. Nos capítulos iniciais, a personagem é vítima de preconceito linguístico por parte de outros personagens, os quais julgam-na pela maneira como concretiza a língua. Expressões como “fala caipira”, “linguajar de pobre”, “puxando o /R/” são expressadas.

As primeiras cenas a mostrarem a avaliação negativa da fala da garota vinda do interior se passam na escola, pois a personagem Arlete (Angel) é julgada não só pela aparência, mas, sobretudo, pelo /R/ que pratica. Ao se apresentar a uma outra aluna, esta reage com riso e a seguinte avaliação: “Repete! A[.i]lete! Total nome de pobre. Ainda fala caipirez. Po[.i]ta, por[.i]teira... você é piada pronta! A[.i]lete!”

Logo na sequência, uma nova apreciação do /R/ da personagem acontece, entretanto, apenas constatadora. Outro personagem pergunta, logo após ouvir sua fala: “Interior? Pelo ‘va[.i]’ é do interior [...] Meus pais têm fazenda no interior, aí eu saco o /R/ de longe”. Como na primeira testagem identitária, dessa vez, a falante confirma, sem qualquer constrangimento, sua origem, mantendo a identidade original. O que podemos considerar é que a personagem tem, neste momento, orgulho de sua origem. Bortoni-Ricardo (2004, p. 33) mostra que “toda variedade regional ou falar é, antes de tudo, um instrumento idntitário, isto é, um recurso que confere identidade a um grupo social”. Esse sentimento, no entanto, será posto em xeque no decorrer da história.

Ademais, ainda no início da trama, as identidades deixam de ser apenas uma constatação de origem ou mesmo um fator de riso, pois passam a ser vistas também como obstáculo para a passagem de um lugar sociocultural para outro. Quando a personagem Arlete começa a trabalhar como modelo, suas identidades se tornam empecilhos para o sucesso. Além de ter seu nome alterado para Angel, mais “comercial”, o preparador da agência aconselha-a a “se livrar” da forma interiorana de falar pois, segundo ele, para ser “chique”, seria preciso desfazer-se de seu [.i] original, e, não fazendo isso, poderia apenas “desfilar em festa de boiadeiro”.

Começa, a partir desse aconselhamento, um treinamento fonoaudiológico e os traços linguísticos identitários vão se perdendo no decorrer da trama, pois a personagem passa a ter como referência outro grupo, o que ocasiona uma evolução nos padrões da linguagem da personagem (BORTONI-RICARDO, 2005).

Temos em Arlete um exemplo do que Orlandi (1998) entende como um lugar marginal na identificação. A personagem se coloca em uma “relação conflituosa com identidades sociais diferenciadas” (ORLANDI, 1998, p. 163): nem urbana, nem rural; nem cosmopolita, nem interiorana; nem um, nem outro. Mesmo mudando seu jeito de falar para poder se adequar ao novo contexto social no qual é inserida, ela se mantém na borda pela avaliação de outros personagens, que a discriminam por isso, configurando o preconceito linguístico.

As outras personagens analisadas – Carolina e Fanny – não trouxeram questões importantes a serem discutidas, além do fato de não ser observada a variação estilística. Sermos “portadores de várias identificações”, como assevera Chnaiderman (1998, p. 49) não é um dado considerado na criação de qualquer dos personagens da trama. Em momentos íntimos, familiares, profissionais, impessoais, enfim, as interações, mesmo variadas, apresentavam-se homogêneas, como se falássemos da mesma maneira em qualquer dos papéis sociais assumidos.

Se inserirmos esses falantes no contínuo de monitoração estilística (Bortoni-Ricardo, 2009) teremos todos alocados em pontos muito próximos do polo de maior monitoração, ou seja, de fala cuidada, nunca descontraída. E sabemos que, na fala natural, isso não acontece.

De qualquer modo, um ponto positivo é a fidedignidade na representação da fala interiorana – até porque a própria atriz que faz a personagem tem essa origem – bem como a mudança gradativa de uma variedade inserida em pontos mais próximos do rural, para um falar mais próximo do urbano durante a trama, conforme se vê na personagem Arlete (Angel). Bortoni-Ricardo (2005, p. 88), utilizando a noção de *social networks* proposta por Milroy (1980) para analisar os processos de variação e mudança linguística, lembra que as interações podem ser classificadas como densas ou frouxas, a depender dos vínculos estabelecidos no interior das redes de interação e isso tem um peso importante na mudança por que passa a personagem visto que “quando o indivíduo consegue ascender socialmente, sua rede de interação torna-se mais heterogênea e, conseqüentemente, de tessitura mais frouxa”, o que leva à aproximação com falantes alocados em pontos mais próximos do polo urbano no contínuo de urbanização.

O que se conclui, também, pelas avaliações negativas expressadas contra uma falante do interior, estudante bolsista, diante de uma questão fonético-fonológica como a pronúncia de um fonema, é também a relevância da questão social para a inclusão e a

exclusão, corroborando que o preconceito é social, antes de tudo, como acredita Bagno (2015).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discorrer sobre identidade e preconceito linguístico é sempre relevante, visto ser pela língua que nos constituímos como sujeitos e pela fala que mostramos quem somos, de onde viemos, com quem e como interagimos.

Neste artigo, analisamos a personificação linguística dada a personagens de narrativas televisivas, concluindo que uma delas se mostrou repleta de traços caricaturais, oportunizando avaliações negativas e, a outra, trouxe representatividade.

O Sétimo Guardião, com a personagem Marilda, pecou pelo exagero, criando um perfil burlesco e irreconhecível por qualquer falante do Brasil.

A macrossérie “Verdades Secretas”, destacou a fala como um degrau para a ascensão social. Fidedignamente, descortinou as avaliações negativas por que comumente passam falantes do interior, sobretudo por um traço identitário: a pronúncia do /R/. Mostrou, também, a necessidade de mudança da identidade linguística para aceitação social em meios cuja variedade urbana de prestígio se sobrepõe.

É necessário entender como essas representações chegam até os telespectadores e qual a dimensão disso para a perpetuação ou não do preconceito linguístico, uma vez que uma representação caricata pode levar quem assiste, sobretudo a audiência internacional, ao entendimento equivocado sobre a forma de se expressar de toda uma comunidade de fala, e, por isso, trabalhos mais aprofundados devem ser realizados com essa perspectiva, já que, aqui, não foi possível dado o escopo deste trabalho. Entretanto, apontamos para essa lacuna urgente de respostas. Outras pesquisas, outros trabalhos e novos olhares precisam se voltar para ela.

Cabe, ainda nessas considerações, frisar a expressiva questão do preconceito linguístico como impeditivo para a emancipação de falantes que se expressam por uma variedade linguística não padrão. Como vemos em Bagno (2015), ainda é trivial alguém não ser contratado devido à variedade linguística pela qual se expressa. O ideário de “fala errada”, “fala caipira” é um muro que breca e obstrui avanços socioculturais.

Representar as identidades de forma adequada deve ser uma preocupação para qualquer tipo de mídia, uma vez que é uma das maiores condutoras desse tipo de

discriminação social. Ao caricaturizar a fala dos personagens, as novelas e outros programas televisivos perpetuam o preconceito linguístico, um tipo de avaliação negativa que, embora ocorra todos os dias e com muita gente, não é combatida. Não se veem bandeiras e punhos erguidos contra o preconceito linguístico, não há leis que o criminalizem, por isso, o cuidado com a representação deve ser apurado.

O trabalho em prol da valorização e da legitimação de todas as variedades linguísticas deve estar na essência dos estudos da linguagem, como esclarece Bortoni-Ricardo (2009, p. 105), quando supõe que “se valorizarmos menos as regras prescritivas, se dermos asas a nossa criatividade, vamos encontrar muitas formas de refletir sobre o português brasileiro e de usá-lo com satisfação e confiança”, porque, ainda nas palavras da autora, se o temos como língua materna, somos competentes nele para usá-lo, com eficiência, na fala e na escrita, em todos as situações e contextos de interação.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira: gramática, vocabulário*. 4. ed. São Paulo: HUCITEC, 1982 (1951).

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico*. 56ª ed. revista e ampliada. São Paulo: Parábola Editorial, 2015 (1990).

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Nós chegemu na escola, e agora?* Sociolinguística & Educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. 6ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009 (2004).

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

CHNAIDERMAN, Miriam. Língua(s)-linguagem(ns)-identidade(s)-movimento(s): uma abordagem psicanalítica. In: SIGNORINI, Inês (org.). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1998. (47-68)

CORRÊA, Thaís Regina de Andrade. *Estereótipo, estigma e preservação de faces: a realização africada de oclusivas alveolares seguidas de glide palatal em uma comunidade escolar de Aracaju/SE*. Caderno Seminal Digital Especial, nº 30 v. 30 (JAN-DEZ/2018), p. 316-344.

FARACO, Carlos Alberto. Norma culta brasileira: construção e ensino. In: ZILLES, Ana Maria Stahl; FARACO, Carlos Alberto. *Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 (1972).

LEITE, Candida Maria. *Estudo da variação linguística dos róticos no falar campineiro*. Alfa, São Paulo, 59 (1): 129-155, 2015.

LE PAGE, Robert. Projection, focusing and diffusion. *York Papers in Linguistics*, University of York, v. 9, 1980.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Identidade linguística escolar. In: SIGNORINI, Inês (org.). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1998. (203-212)

PAGOTTO, Emilio Gozze. *Variação e (') identidade*. Maceió: EDUFAL, 2004.

SILVA, Fábio Lopes da. Dois casos de preconceito linguístico na mídia. In: SILVA, Fábio Lopes da; MOURA, Heronides Maurilio de Melo (orgs.) *O direito à fala: a questão do preconceito linguístico*. Florianópolis: Insular, 2000. (53-62)